

● A Guerra de Putin

Sob resistência, tropas russas entram em Kiev e põem governo em xeque

— Em Kharkiv, russos tiveram dificuldade para avançar e na capital civis se armam contra invasão; Putin sugere que militares ucranianos deem golpe contra Zelenski

KIEV

Tropas russas entraram no perímetro de Kiev e atacaram o centro da cidade na madrugada de hoje. Bombas foram ouvidas na região, assim como peças de artilharia do Exército russo. Uma base militar ucraniana na cidade foi atacada e a infantaria russa tentava cercar o palácio presidencial, colocando o governo em xeque.

As forças ucranianas afirmaram ter repellido um ataque noturno de tropas russas a uma de suas posições na Avenida da Vitória, uma das principais artérias de Kiev.

Mais cedo, autoridades ucranianas mobilizaram milhares de civis para defender a cidade com fuzis e coquetéis molotov, em uma ofensiva que encontrava sinais de resistência.

Em Kharkiv, a segunda maior cidade da Ucrânia, os russos tiveram dificuldade para avançar, apesar de sua superioridade bélica.

BOMBARDEIOS. O governo do presidente americano, Joe Biden, temia que a capital caísse rapidamente em mãos russas. Em 24 horas, a cidade foi atingida por bombardeios em três oportunidades.

Apesar do duro cerco russo, a população civil, incentivada pelo governo, se mobilizou para defender a cidade. Mais de 17 mil fuzis foram distribuídos para a população e as bus-



Estação central de Kiev teve grande aglomeração ontem; apesar do risco, trens eram a melhor opção para deixar a capital ucraniana

cas no Google por “como preparar coquetéis molotov” dispararam, segundo levantam-

Defesa Governo da Ucrânia distribuiu 17 mil fuzis para a população defender o país

mento do *Washington Post*.

O estímulo à resistência civil armada foi adotado pelo governo ucraniano mesmo antes do início da guerra. O Parlamento local aprovou um decreto que permitiu a posse de ar-

mas para defesa pessoal.

Desde a madrugada de quinta-feira, primeiro dia da invasão, as tropas de Putin avançaram rapidamente rumo a Kiev.

RESISTÊNCIA. Ataques continuaram também em várias outras cidades do país. Grandes explosões foram ouvidas em Kharkiv, a maior cidade mais próxima à fronteira com a Rússia. No entanto, havia relatos de que os russos encontraram mais dificuldade para avançar em Kharkiv.

Na quinta-feira, uma unidade ucraniana conseguiu deter um pelotão de infantaria rus-

so na entrada da cidade. Ali, ficaram as carcaças vazias de veículos blindados russos incendiados e o corpo de um soldado russo que jazia coberto por uma leve camada de neve que caiu durante a noite.

A posição foi ocupada ontem por um grupo de soldados ucranianos levemente armados que cavou trincheiras às pressas na lama ao lado da estrada, mergulhando nelas periodicamente quando o estrondo da artilharia era especialmente alto.

Os soldados ucranianos enviados para ocupar a posição tinham poucos deta-

lhes sobre a luta que aconteceu lá, dizendo apenas que ocorreu na manhã de quinta-feira, logo depois de Putin ordenar o início da ofensiva. “Putin quer que joguemos nossas armas no chão”, disse um soldado ucraniano. “Acho que podemos operar de forma mais astuta, reunir nossas forças e contra-atacar.”

Apesar do otimismo, a Rússia mobilizou até agora, em dois dias de confronto, apenas um terço dos 190 mil homens que reuniu nas fronteiras ucranianas nos últimos meses. ● **NYT e W.P.O.S.T**

Ataque arrasador com informação privilegiada

ANÁLISE

ROBERTO GODDY

Os aparelhos se calam primeiro. Televisores ficam sem imagem, os rádios, sem som. Os celulares silenciam. E os computadores param. Às vezes, logo depois, é possível ouvir o ronco grave das turbinas dos aviões. Mas, na maioria das ocasiões, nem

isso. O apagão dura pouco.

O momento seguinte é o da chegada dos mísseis que vêm para cegar os olhos eletrônicos da defesa antiaérea: estações de radar, pontos de sensores digitais a laser, detectores de sinais infravermelhos.

Foi assim na noite fria de quarta-feira na Ucrânia sob o ataque das poderosas forças da Rússia. Em pouco menos de um dia de operações a aviação de Moscou neutralizou de 14 a 17 instalações em vários pon-

tos do território ucraniano.

BOMBARDEIOS. Cada estação de radar emite um sinal próprio, tem uma assinatura eletrônica única. A bordo do míssil destinado a atingi-la há uma central digital programada para procurar essa identidade – que, naturalmente, estará protegida por recursos tecnológicos. Também estará guardada no terreno por mísseis e canhões antiaéreos.

Os caças usados nas missões terão sido provavelmente modelos supersônicos Sukhoi-24 e Sukhoi-27, configurados para atingir alvos no solo com mísseis especializados, antirradar. O arsenal russo tem vários modelos, com alcances entre 30 km

e 130 km, levando cargas explosivas de 39 kg a 96 kg, conduzidos por um núcleo de busca “inteligente” de tecnologia secreta. De quebra, os jatos são armados com bombas guiadas. A intenção é atingir toda a instalação.

Proteção Rede ucraniana de radares conseguiu ser facilmente neutralizada, já que o fornecedor é russo

Na Ucrânia, a rede de radares era relativamente moderna. Foi comprada nos anos 2000, com unidades fixas e móveis, sobre carretas e contêineres. Modernizada e expandida

entre 2011 e 2017, deveria ter passado por um novo ciclo de atualização a partir de 2019. Isso não foi feito. A empresa estatal local envolvida, Artem, de Kharkiv, não conseguiu um acordo com o fornecedor original do sistema – a Rússia. Encontrar os radares e sensores com certeza é uma tarefa mais fácil quando se tem acesso a informações sensíveis. Para o adido aeronáutico da embaixada no Brasil de um dos países da Europa, “atacar com informações privilegiadas de construtor fez da neutralização das defesas aéreas ucranianas uma tarefa com a dificuldade de pescar em um barril”. ●

É JORNALISTA



Amontoados, civis fogem em trens lotados de Kiev para fronteira polonesa

Mulheres, crianças e idosos são maioria, pois homens de 18 a 60 anos foram convocados para lutar contra os russos

EDUARDO GAYER
ENVIADO ESPECIAL A KIEV

A chegada de tropas russas a Kiev, na madrugada de ontem, levou milhares de moradores da cidade a fugir para o oeste da Ucrânia. A capital foi alvo em menos de 24 horas de dois ataques aéreos das forças de Vladimir Putin. Plataformas de trens lotadas, comboios apertados e o medo de transitar nas ruas em meio a militares e bombas tornaram-se parte da paisagem.

Em busca de um local seguro, os ucranianos se amontoaram nas plataformas da estação à espera do embarque. Um comboio que partiu no início da noite de ontem (à tarde em Brasília) levava famílias inteiras, jovens, crianças e idosos. A reportagem do **Estadão** acompanhou a fuga de Kiev até a Polónia.

Os ucranianos se espremiavam até mesmo nos corredores, viajando em pé no trajeto que os levaria até a fronteira polonesa a 900 quilômetros de distância. Até Varsóvia, capital da Polónia, seriam 20 horas de viagem.

Em meio ao desespero para deixar às pressas a Ucrânia e num embarque feito de forma improvisada, quem tinha alguma mala teve de jogá-la

para dentro do vagão pela janela. Uma mulher avisava: “Garotos, temos de ir. Vocês já têm os documentos. Vamos partir”.

TENSÃO. Moradores de Kiev que arriscam deixar suas casas em busca de um refúgio ou mesmo uma rota de fuga da cidade têm se deparado com militares nas ruas. Com ruas desertas e sob o som de bombas, quem tenta filmar o que está acontecendo é advertido de que não é permitido fazer o registro.

O clima pela manhã na cidade era tenso. Jornalistas estrangeiros foram orientados por autoridades locais a trocar hotéis do centro da cidade por locais mais seguros.

Debandada
A ONU estima que mais de 50 mil ucranianos já fugiram e esse número pode chegar a 5 milhões

A ONU estima que mais de 50 mil ucranianos já fugiram das tropas russas, rumo ao oeste do país, e esse número pode chegar a 5 milhões. Embora Polónia e Moldávia sejam o destino preferido da maioria dos civis, o Alto-Comissariado da ONU para Refugiados alerta que Romênia, Eslováquia e os países do Báltico também podem receber um fluxo grande nas próximas semanas.

A maior parte dos ucranianos que chega a Przemysl, na Polónia, é composta de mulhe-

res, crianças e idosos. O presidente Volodimir Zelenski emitiu na quinta-feira um decreto determinando que homens de 18 a 60 anos devem lutar pelo país, na expectativa de aumentar as chances de o Exército ucraniano se defender.

Uma das mulheres no comboio chorou ao contar na chegada à Polónia como o marido foi arrancado à força do trem em que estavam no posto de fronteira. “Mesmo se o homem estivesse viajando com seu filho, ele não poderia cruzar a fronteira, mesmo com uma criança”, disse a mulher, que se informou o seu primeiro nome, Daria.

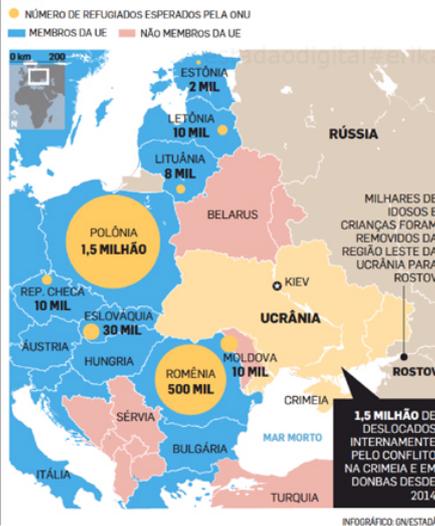
VOLUNTÁRIOS. Nas passagens de fronteira na Polónia, os ucranianos chegaram a pé, de carro e trem – alguns com seus animais de estimação – e foram recebidos por autoridades polonesas e voluntários oferecendo comida e bebidas quentes.

Alguns procuraram se juntar a parentes que já se estabeleceram na Polónia e em outros países da União Europeia, cujas economias fortes há muitos anos atraem trabalhadores ucranianos.

A primeira parada foi na estação de trem em Przemysl, uma cidade no sudeste da Polónia que é um ponto de trânsito para muitos. Os ucranianos dormiam em colchonetes e cadeiras enquanto aguardavam para dar sequência a seus próximos passos, aliviados por escapar dos bombardeios em Kiev e em outros lugares. ● **COM AP**

EUROPA SE PREPARA PARA CRISE HUMANITÁRIA

Estimativa de número de deslocados por conflito na Ucrânia chega perto de cinco milhões de pessoas



ONU pede 'corredor seguro e livre' para levar ajuda humanitária

A ONU quer “acesso seguro e livre” à ajuda humanitária na Ucrânia, disse seu subsecretário-geral para assuntos Humanitários, Martin Griffiths, em entrevista coletiva ontem. Os trabalhadores humanitários devem poder desfrutar de “proteção” ao levar ajuda à população “em todas as regiões da Ucrânia afetadas pelo conflito”, disse ele.

A ONU estima que existem cerca de 100 mil pessoas deslocadas pela guerra. “Esperamos mais 1,8 milhão ou mais” no futuro, disse Griffiths, que destacou que nem todas essas pessoas precisam necessariamente

de ajuda humanitária.

Antes do início do conflito, a ONU ajudou cerca de 3 milhões de pessoas, principalmente no leste da Ucrânia, lembrou. Ele também especificou que, neste momento, todas as equipes do sistema da ONU ainda estão na Ucrânia, embora algumas pessoas e famílias tenham sido retiradas do país.

Ele também indicou que nos próximos dias haverá um pedido de fundos em Genebra para atender a uma “escala de necessidades” que deve estar “entre as mais altas”.

O impacto das sanções econômicas à Rússia no trabalho de organizações humanitárias está sendo avaliado com a Cruz Vermelha Internacional, disse o funcionário da ONU. ● **AFP**

Ataque de Putin vai além de ilusão de grandeza

ANÁLISE

EUGENE ROBINSON
THE WASHINGTON POST

O brutal e trágico ataque contra a Ucrânia expressa mais que suas ilusões de grandeza. É também uma lição para o povo russo a respeito do que acontece com aqueles que insistem em buscar a democracia em es-

tilo ocidental.

Putin realmente pareceu um doido esta semana, dirigindo-se ao mundo num digressivo solilóquio repleto de invenções históricas e autocomiseração paranoica. Ele acusou falsamente o governo eleito democraticamente da Ucrânia de “genocídio”, usando essa falácia como justificativa para o maior ataque militar na Europa desde a 2.ª Guerra.

Da perspectiva distorcida de Putin, o ataque não ocorreu

sem provocação. Duas vezes desde a virada deste século, o povo ucraniano teve a ousadia de se levantar contra e depor lideranças que desejaram a Ucrânia pós-soviética como vassala da Rússia de Putin. A última coisa que Putin quer é que os russos percebam que tal heresia – que poderia ameaçar seu poder – possa passar impune.

Então, o líder russo tem motivos tanto racionais quanto irracionais para o abominável crime que está cometendo. Acredito que Putin quer que as futuras gerações o vejam como uma das grandes figuras da história russa, juntamente com Ivan, o Terrível; Pedro, o Grande; Catarina, a Grande; Lenin; e Stalin. Segundo tudo

indica, ele quer ser lembrado como Putin, o Grande, o que reverteu a “catástrofe” e restaurou o Império Russo à glória que lhe é de direito. E, na visão de Putin, a joia mais preciosa, arrancada injustamente da coroa imperial, é a Ucrânia.

Protestos

Presidente não quer que os russos pensem que a ousadia de depor seu aliado na Ucrânia possa ficar impune

Uma ameaça à posição do líder russo em relação à história é uma coisa; uma ameaça à sua contínua permanência no poder é bem diferente. Demonstra-

ções do poder popular em 2004 e 2014 na Ucrânia impressionaram Putin – e não de maneira positiva. Para ele, a Revolução da Dignidade – que em 2014 depôs seu aliado Viktor Yanukovich – não passou de um golpe.

E ainda que cerca de 200 mil soldados com armamentos modernos possam derrotar o Exército ucraniano, não são suficientes para conquistar permanentemente um país com mais de 43 milhões de pessoas que não querem ser alvo de ocupação. Putin não fez uma jogada corajosa de xadrez, virou o tabuleiro. E não pode estar certo de onde as peças vão cair. ● **TRADUÇÃO DE AGOSTO CALL**

● **E COLUMISTA**



Lavagem de dinheiro, a fragilidade de Putin

ARTIGO

Paul Krugman
The New York Times

Os Estados Unidos e seus aliados não vão intervir com as próprias forças contra a guerra de Vladimir Putin. Deixo para outros com experiência no tema especular se os EUA enviarão mais armas ao governo ucraniano ou, se o ataque russo obtiver sucesso rápido, ajudarão a armar a resistência ucraniana.

Na maior parte, no entanto, a resposta do Ocidente à agressão de Putin envolverá sanções financeiras e econômicas. Quão eficazes podem ser essas sanções? A resposta é que elas podem ser muito eficazes, se o Ocidente mostrar vontade – e estiver disposto a assumir a própria corrupção.

Por medidas convencionais, o regime de Putin não parece muito vulnerável, pelo menos no curto prazo. É verdade que a Rússia acabará pagando um preço alto. Não haverá mais aco-

dos de gasodutos; dificilmente haverá investimento estrangeiro direto. Afinal, quem vai querer assumir compromissos de longo prazo com um país cuja liderança autocrática mostrou um desprezo tão imprudente pelo estado de direito? Mas essas consequências da agressão de Putin levarão anos para se tornar visíveis.

E parece haver apenas espaço limitado para sanções comerciais. Por isso, pode-se e deve-se culpar a Europa, que faz muito mais comércio com a Rússia do que os Estados Unidos.

Sanções financeiras, reduzindo a capacidade da Rússia de arrecadar e movimentar dinheiro no exterior, são mais facilmente executáveis. Mas os efeitos serão limitados, a menos que a Rússia seja excluída do Swift, o sistema belga para pagamentos entre bancos internacionais. E uma exclusão do Swift pode, na prática, significar uma interrupção no fornecimento de gás russo, o que nos traz de volta ao problema da vulnerabilidade autoinfligida da Europa.

No entanto, as democracias

avançadas do mundo têm outra arma financeira poderosa contra o regime de Putin, se estiverem dispostas a usá-la: podem ir atrás da vasta riqueza estrangeira dos oligarcas que cercam Putin e o ajudam a permanecer no poder.

As democracias podem ir atrás da riqueza de quem mantém Putin no poder

Todo o mundo já ouviu falar sobre iates gigantes de oligarcas, franquias esportivas e casas incrivelmente caras em vários países. Há tanto dinheiro russo altamente visível no Reino Unido que algumas pessoas falam sobre “Londogrado”. Bem, essas não são apenas histórias isoladas.

Filip Novokmet, Thomas Piketty e Gabriel Zucman apontaram que a Rússia registra enormes superávits comerciais todos os anos desde o início dos anos 1990, o que deveria ter levado a um grande acúmulo de

ativos no exterior. No entanto, as estatísticas oficiais mostram a Rússia com apenas um pouco mais de ativos do que passivos no exterior. Como isso é possível? A explicação óbvia é que os russos ricos estão roubando grandes somas e as estacionando no exterior.

As somas envolvidas são incompreensíveis. Novokmet e companhia estimam que, em 2015, a riqueza estrangeira oculta dos russos ricos correspondia a cerca de 85% do PIB do país. Para dar alguma perspectiva, é como se os compassos de um presidente dos EUA tivessem conseguido esconder US\$ 20 trilhões em contas no exterior. Outro artigo co-escrito por Zucman descobriu que, na Rússia, “a grande maioria da riqueza no topo da pirâmide é mantida no exterior”.

Mas os governos democráticos podem ir atrás desses ativos? Sim. A base legal já existe, por exemplo, na legislação chamada de Ato para Combater os Inimigos dos EUA por meio de sanções, assim como a capacidade técnica. Portanto, há meios para colocar uma enor-

me pressão financeira sobre o regime de Putin (em oposição à economia russa). Mas há vontade? Essa é a questão do trilhão de rublos.

Há dois fatos desconfortáveis aqui. Primeiro, várias pessoas influentes, tanto nos negócios quanto na política, estão profundamente enredadas financeiramente com os leptocratas russos. Isto é especialmente verdade no Reino Unido. Em segundo lugar, será difícil ir atrás de dinheiro russo lavado sem tornar a vida mais difícil para todos os lavadores de dinheiro, de onde quer que venham – e embora os plutocratas russos possam ser os campeões mundiais nesse esporte, eles não são únicos.

O que isso significa é que tomar medidas efetivas contra a maior vulnerabilidade de Putin exigirá enfrentar e superar a própria corrupção do Ocidente. O mundo democrático pode enfrentar esse desafio? Descobriremos nos próximos meses. ●

NOBEL DE ECONOMIA DE 2008 E PROFESSOR DA CITY UNIVERSITY OF NEW YORK GRADUATE CENTER



Edifício residencial na região sul de Kiev destruído por míssil lançado pelas tropas da Rússia; governo ucraniano recorre até a civis na tentativa de se defender da invasão

EUA e UE decidem bloquear bens de presidente e chanceler russos

BRUXELAS E WASHINGTON

A União Europeia (UE) decidiu ontem congelar bens europeus do presidente da Rússia, Vladimir Putin, e de seu ministro das Relações Exteriores, Serguei Lavrov. Mais tarde, a Casa Branca afirmou que os EUA também vão impor sanções aos dois, em uma rara, mas não sem precedentes, medida americana contra um chefe de Estado.

A decisão unânime da UE, que faz parte de um pacote de sanções mais amplo, indicou que as potências ocidentais estão adotando medidas sem precedentes para tentar forçar Putin a impedir a invasão total do país vizinho e desencadear uma enorme guerra na Europa.

Esta é a segunda onda de sanções da Europa contra a Rússia, mas até então as medidas atingiam apenas pessoas do círculo próximo de Putin, bancos e instituições financeiras.

Após apelos do presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, os líderes europeus concordaram em impor os congelamentos a Putin e Lavrov, e não descartam uma terceira rodada de ações.

“O mais importante é que Putin e Lavrov, responsáveis por esta situação, sejam severamente punidos pela UE”, declarou a ministra alemã das Relações Exteriores, Annalena Baerbock, ao chegar à reunião em Bruxelas. “Vamos atingir o

governo de Putin onde deveria ser atingido: não apenas o plano econômico e financeiro, mas no centro do poder.”

O ministro das Relações Exteriores da Áustria, Alexander Schallenberg, disse que a medida seria “um passo único na história em direção a uma potência nuclear, um país que tem assento permanente no Conselho de Segurança, mas também mostra o quão unidos estamos”. “Posso garantir que se você tiver grandes ativos e, de repente, não puder obtê-los, isso lhe custará”, disse o chefe de relações exteriores da UE, Josep Borrell. Não ficou claro qual seria o impacto prático sobre os dois homens e qual a importância

de seus ativos na UE.

Em Washington, a porta-voz da Casa Branca, Jen Psaki, disse que a decisão de mirar Putin, Lavrov e outras autoridades foi tomada depois que o presidente dos EUA, Joe Biden, manteve uma conversa por telefone com a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen.

RETIRADA DO SWIFT. As sanções de ontem também terão como alvo as elites russas e dificultarão as viagens de diplomatas, mas os líderes da UE optaram por não restringir as importações de energia ou cortar a Rússia do Swift – a Sociedade de Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais. ● AFP, AP • REUTERS





Fareed Zakaria

Guerra e motivos para defender a democracia

Reação de Putin é um esforço sangrento e brutal para estancar maré liberal que avança pelos vizinhos

Absolutamente não provocada, injustificável e imoral invasão russa à Ucrânia parece marcar o fim de uma era — que se iniciou com a queda do Muro de Berlim, em 1989. Naquela era pós-Guerra Fria, ideias ocidentais sobre política, economia e cultura espalharam-se pelo mundo quase sem contestação, e o poder americano sustentou o sistema internacional. Não foi um período de tranquilidade — pense nas guerras na Jugoslávia e no Oriente Médio. Mas foi um tempo no qual o poder americano e a democracia liberal pareciam ter triunfado, e o sistema internacional parecia funcionar mais cooperativamente do que em qualquer outro momento da história.

A Pax Americana começou a se desvanecer por muitas razões, incluindo a ascensão de países como China e Índia, os desastres no Iraque e no Afeganistão e as crises das finanças e da democracia no Ocidente. Mas a força mais disruptiva foi o retorno de uma Rússia imperial, determinada a recriar uma esfera de influência na qual possa dominar seus vizinhos. Ao longo da década passada, a Rússia do presidente Vladimir Putin foi o maior sabotador geopo-

lítico do mundo, tentando ativamente desmantelar o sistema internacional com base em regras.

Para muitos comentaristas, a atual crise prova que esse sistema colapsou e que a era democrática não passou de uma breve fantasia. David Brooks escreve que “a história está retornando para a barbárie”. Robert Kagan afirmou que “a selva” voltou a crescer. Mas esse tipo de pessimismo se justifica? Estou mais esperançoso de que em meio às terríveis notícias de hoje existam algumas poderosas forças positivas.

Afinal, o que causou esta crise em primeiro lugar? Muito simples: o sobrepujante desejo dos ucranianos de viver em uma sociedade aberta e democrática. Não esqueçamos que foi isso o que enfureceu Putin e o levou a invadir a Ucrânia pela primeira vez, em 2014. Não foi alguma declaração da Ucrânia de buscar aderir à Otan; foram os esforços do governo de Kiev (na época um governo pró-Rússia) de pôr fim a um “acordo de associação” com a União Europeia. Quando o então presidente da Ucrânia finalmente abortou o acordo, sob pressão russa, ele foi saudado com massivos protestos de

Na era pós-Guerra Fria, ideias ocidentais se espalharam pelo mundo quase sem contestação

rua, e o Parlamento aprovou sua retirada do cargo. Foi isso que motivou a primeira invasão de Putin à Ucrânia.

A Ucrânia não foi a única a escolher a trilha pró-Occidente. Ao longo das três últimas décadas, a maioria dos países que integraram o bloco soviético escolheu, um a um, tornar-se mais aberto, liberal, democrático e capitalista. Nenhum é perfeito, alguns estão bem longe disso, mas dos Estados bálticos à Bulgária, de países grandes, como a Polônia, a pequenos, como a Moldávia, a maioria adotou alguma ver-

são de política democrática e economia aberta de mercado. Houve retrocessos em países como Hungria e Polônia. Mas, de maneira geral, o movimento desses países na direção de valores ocidentais desde 1989 é sem dúvida uma afirmação da vitalidade do projeto da democracia liberal.

A reação de Putin é um esforço sangrento e brutal para estancar essa maré de democratização. Ele assistiu horrorizado ao movimento se espalhar pela Ucrânia, pela Geórgia e até por Belarus, que em 2020 testemunhou os maiores protestos pró-democracia na curta história do país. As manifestações belarussas foram reprimidas ferozmente, com ajuda da Rússia, e agora Putin possui mais um país no qual pode manter o controle meramente pelo medo e pela força.

A ordem internacional liberal tem mais defensores do que se imagina. A declaração mais eloquente em seu apoio ocorreu na semana passada, no Conselho de Segurança da ONU, feita não pelas potências ocidentais representadas no recinto, mas, em vez disso, pelo embaixador do Quênia nas Nações Unidas, Martin Kimani. Ele afirmou que quase todos os países da África têm fronteiras profundamente deficientes. As linhas foram desenhadas por potências coloniais, com frequência dividindo grupos étnicos e linguísticos. Mas, apontou ele, os líderes africanos decidiram que aceitariam suas imperfeitas fronteiras, porque desafiá-las resultaria numa série infinita de guerras e insurgências. Em vez disso, esses países escolheram honrar o direito internacional e o sistema da ONU.

Kimani afirmou: “Em vez de formar nações que miravam ainda mais atrás a história com uma perigosa nostalgia, escolhemos mirar adiante, a uma grandeza que nenhum de nossos muitos países e povos jamais havia conhecido”.

Longe da Europa, qual é o cerne do problema entre China e Taiwan? O fato de que o povo taiwanês quer viver numa sociedade aberta, livre e liberal — e teme que seu modo de vida possa ser extinto por uma ditadura comunista.

Não quero minimizar os problemas que a democracia e o liberalismo enfrentam. Quase 25 anos atrás, alertei para a ascensão da “democracia iliberal” e ressaltai em particular a nefasta virada da Rússia (entre outros países). Testemunhei a erosão dos valores da democracia liberal que prezo no país em que nasci, a Índia, e no país no qual orgulhosamente imigrei, os Estados Unidos.

Mas esse retrocesso mostra que a democracia liberal e a ordem internacional com base em regras precisam ser defendidas — robustamente, até agressivamente. Com as vozes do nacionalismo e do populismo falando tão alto, parece que os valores liberais têm poucos representantes dispostos a defendê-los sem meias palavras. Àqueles que cismam com os problemas da democracia liberal em vez de refletir sobre sua promessa, eu digo, “Vão para a Ucrânia”. Os ucranianos estão nos mostrando que por esses valores — de uma sociedade aberta e um mundo livre — pode valer a pena lutar; e até morrer.

A questão que fica para todos nós é: o que faremos para ajudá-los? ● TRADUÇÃO DE GUILHERME RUSSO

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Internacional **Caderno:** A **Página:** 14 à 19